

ACM volta a reinar em Salvador

■ Pela primeira vez, desde a volta das diretas para prefeito, senador deverá emplacar candidato, graças à rejeição a Lídice da Mata

Arnildo Schulz — 10/5/95

ORGEMAR FELIX

SALVADOR — O lixo nas ruas é um dos maiores problemas de Salvador. O candidato do PSDB, deputado federal Domingos Leoneli, apoiado pela atual prefeita, Lídice da Mata (PSDB), apresenta uma solução para o caos: o governo municipal levaria fazer um acordo com a rede de supermercados para que as sacolas plásticas — quase sempre aproveitadas como saco de lixo — sejam fabricadas com um material mais resistente. Isso evitaria que as sacolas arrebentassem durante o longo período de exposição, na beira das calçadas, enquanto não passam os caminhões da companhia municipal de limpeza.

A idéia talvez explique a possibilidade de o candidato da prefeita perder feio as eleições em Salvador, ao contrário de quase todas as grandes capitais do país. O apadrinhado do senador Antônio Carlos Magalhães, o ex-governador Antônio Imbassai (PFL), tem 52% nas pesquisas. No entanto, deve-se contar outros capítulos desta campanha que, embora necessários, jamais alteram a moral da história: aqui ninguém é santo.

Com o olhar de revolta, Lídice justifica seu alto índice de rejeição afirmando que sofreu nos últimos quatro anos “o maior cerco financeiro e de comunicação que um administrador poderia sofrer.” Com o domínio de mais de 60% dos veículos de comunicação no estado, ACM nunca abriu a guarda para Lídice. Na última quinta-feira, quando os servidores da Câmara Municipal ameaçavam greve por falta de salário, a locutora do Bahia TV, da emissora de ACM, noticiou: “Como sempre, o atraso ocorre porque a prefeitura não repassou o dinheiro”. Corta. Entra no ar um vereador e critica a prefeita.

Prêmio— O melhor exemplo do cerco de comunicação à prefeita é o projeto “Cidade Mãe”, de atendimento aos meninos de rua, premiado pela Unesco. O programa mereceu espaço no “Jornal Nacional”, mas não foi noticiado pela emissora de ACM, repetidora da Rede Globo no estado — nem no *Correio da Bahia*, jornal do senador, embora os grandes diários tenham feito reportagens especiais.

Lídice tentou aprovar na Câmara Municipal uma taxa de lixo para a cidade, mas o projeto foi rejeitado. “O problema do lixo é falta de dinheiro”, afirma Leoneli. Não só do lixo. De tudo. A administração de Lídice herdou dívidas do antecessor Fernando José. Equacionou parte delas, mas ficou muito longe de resolver os problemas financeiros da prefeitura. Mesmo com um orçamento fortalecido pela Constituição. Hoje, a receita mensal da prefeitura é de R\$ 32 milhões — R\$ 20 milhões para folha de pagamento. Lídice nunca demitiu e sempre deu aumento. O pagamento de encargos de dívidas consome outros R\$ 10 milhões. Sobram R\$ 2 milhões para fazer tudo. Ou melhor, nada.

Somado à essa incapacidade de sanear o caixa, vem o que Lídice denominou de “cerco financeiro”. Antes de explicá-lo, uma memória. Lídice, como todo o PSDB



Imbassai (E), afilhado político de ACM, vem cumprindo o “trabalho de casa” para se eleger prefeito e realizar outro sonho do senador: levar o filho ao governo do estado

baiano, apoiou o então candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, na campanha presidencial de 1994. O PSDB da Bahia condenou a aliança do presidente Fernando Henrique Cardoso com o PFL de ACM. Lídice foi eleita em 1992 na onda do impeachment do ex-presidente Fernando Collor, aproveitando um momentâneo colapso da popularidade de ACM. e, dois anos depois, recusou-se a ir ao mesmo palanque do senador. Lula ganhou na capital, mas ACM ganhou a exclusividade de patrocínio do governo federal na Bahia.

“Não podemos dizer que o governo Fernando Henrique tem perseguido, mas também não tem se empenhado”, reclama a prefeita. A única participação de Fernando Henrique no governo de Lídice é um quadro com a foto oficial do presidente na parede do gabinete da prefeita. Qualquer empréstimo solicitado em Brasília, segundo Lídice, é sempre negado com a descoberta repentina de dezenas de inadimplências da prefeitura. “Tudo corre bem, chega

na hora de assinar o contrato, falam: ‘ah, a senhora tem uma pendência aqui, nesse tal empréstimo’ e negam o dinheiro”, queixa-se.

ACM soube aproveitar a debilidade financeira do município e, quando tomou posse em 1991 no governo do estado, tratou a capital como prioridade. Privilegiou o maior cartão postal de Salvador, a cultura. Reinaugurou o Teatro Castro Alves, restaurou o Pelourinho, e ainda pôs um pé na ecologia, com a revitalização da Lagoa do Abaeté. O governo do estado — inclusive hoje com o governador Paulo Souto, eleito graças a ACM — invadiu a esfera da prefeitura. “Não

é só porque quero fazer uma antítese com o fracasso da prefeitura, fazemos essas obras seguindo uma filosofia de administração”, diz Souto.

A estratégia de ACM transformou a Bahia num caso inusitado, onde na maioria das vezes o estado vai mal e as prefeituras das capitais, principalmente, andam muito bem. Em Salvador, o canteiro de

obras na cidade traz as placas do estado. Com a ajuda do governo federal e organismos internacionais, o governo baiano desenvolve o projeto “Bahia Azul”, com obras de saneamento básico — segundo item na lista dos problemas da cidade e “privilegio” de que apenas 14% da população dispõem.

Essas obras têm outros objetivos, além do saneamento propriamente dito. Um deles é derrubar uma promessa de campanha de Lídice, lembrada no programa eleitoral de Imbassai. Apesar de a empresa estatal Embasa ter o monopólio do saneamento na cidade, a então candidata defendia a participação da prefeitura nas obras. “Não me venham dizer que isso é só problema da Embasa, não”, dizia Lídice na televisão. O outro objetivo é uma ajudazinha do “Bahia Azul” para piorar o trânsito na cidade — terceiro na lista dos problemas —, evitando que obras de tráfego feitas pela prefeitura apareçam como solução para o fim dos engarrafamentos.

O plano de Antônio Carlos Magalhães deu certo. Depois de seis anos de ação concentrada em Salvador, ACM conseguiu mudar sua imagem. Seu candidato pode conquistar a vitória já no primeiro turno. Desde a volta das eleições diretas para prefeito de capital, em 1985, ACM nunca saiu vitorioso de uma eleição em Salvador. O último prefeito de seu grupo político foi o *hônico* Mário Kertez. Se vencer este ano, ACM cimenta as ladeiras do Pelourinho para a subida de seu filho, deputado Luís Eduardo Magalhães, ao governo do estado, em 1998.

O candidato do PT, Nelson Pelegrino, que está subindo e alcançou o segundo lugar com 13%, mostrou apenas uma foto de Imbassai com o banqueiro Ângelo Calmon de Sá, numa tímida tentativa de ligar o candidato de ACM ao escândalo da Pasta Rosa (lista das campanhas financiadas pelo Banco Econômico). Aos olhos do eleitor, a imagem da marcha de ACM sobre a Praça dos Três Poderes para defender o banco é a de um São Jorge contra o dragão que avançava sobre a Bahia.

“Sofro há quatro anos o maior cerco financeiro e de comunicação”
Lídice da Mata

Para o eleitor, ver ACM defendendo o Econômico era ver São Jorge contra o dragão